

## Cidade, edificação e vazio

*City, building and empty*

*Ciudad, edificación e vacío*

CASTANHEIRA, Elisabete

Doutoranda, Estácio e UNISA, [bebe.castanheira@gmail.com](mailto:bebe.castanheira@gmail.com)

### RESUMO

A cidade contemporânea, subjugada à dinâmica de mercado, faz coexistir o déficit de moradia e um enorme agrupamento de imóveis vazios. A cidade de São Paulo, e a exuberância de sua escala, faz emergir (novas) estratégias de resposta a tal demanda. Centrado no objetivo de empreender uma leitura destes novos formatos de interação com a cidade, o presente artigo se debruça, de forma sintética, sobre a questão urbana e a convivência entre a utilidade e a nulidade de edificações, as motivações para se empreender a ocupação no âmbito urbano, discorre ainda sobre o estado da arte das ocupações na cidade e, por fim, aborda uma destas iniciativas, a Ocupação Nove de Julho, e o escopo de sua atuação. Por meio de iniciativas de base, os processos de ocupação contemporâneos, mais do que suprir o problema da habitação, promovem a oportunidade de uma reflexão social, política e, por que não, ambiental.

**PALAVRAS-CHAVES:** ocupação, apropriação, cidade.

### ABSTRACT

*The contemporary city, subjugated to the market dynamics, makes coexist the housing deficit and a huge grouping of vacant properties. The city of São Paulo, and the exuberance of its scale, has emerged (new) strategies to respond to such demand. Centered on the objective of undertaking a reading of these new formats of interaction with the city, this article briefly discusses the urban question and the coexistence between the usefulness and the nullity of buildings, the motivations to undertake occupation in the city, urban area, also discusses the state of the art of occupations in the city and, finally, addresses one of these initiatives, Ocupação Nove de Julho, and the scope of its work. Through grassroots initiatives, contemporary occupation processes, rather than addressing the problem of housing, promote the opportunity for social, political and, if not environmental, reflection.*

**KEY WORDS** (3 a 5): guidelines, submission, paper.

### RESUMEN

*La ciudad contemporánea, subyugada a la dinámica de mercado, hace coexistir el déficit de vivienda y una enorme agrupación de inmuebles vacíos. La ciudad de São Paulo, y la exuberancia de su escala, hace emerger (nuevas) estrategias de respuesta a tal demanda. Centrado en el objetivo de emprender una lectura de estos nuevos formatos de interacción con la ciudad, el presente artículo se centra, de forma sintética, sobre la cuestión urbana y la convivencia entre la utilidad y la nulidad de edificaciones, las motivaciones para emprender la ocupación en el trabajo en el ámbito urbano, discurre sobre el estado del arte de las ocupaciones en la ciudad y, por fin, aborda una de estas iniciativas, la Ocupación Nove de Julho, y el alcance de su actuación. Por medio de iniciativas de base, los procesos de ocupación contemporâneos, más que suprir el problema de la vivienda, promueven la oportunidad de una reflexión social, política y, por qué no, ambiental.*

**PALABRAS CLAVE:** ocupación, apropiación, ciudad.



PROJETAR  
GRUPO DE PESQUISA DE  
PROJETO DE ARQUITETURA  
E PENSAMENTO  
AMBIENTE



## INTRODUÇÃO: CIDADE, EDIFICAÇÃO E VAZIO

A ocupação da cidade se altera em função de contextos políticos, sociais e, sobretudo, econômicos.

Nessa dinâmica urbana as demolições e construções sucedem-se e manifestam-se ligadas, intrinsecamente, ao crescimento e desenvolvimento urbano (FERNANDES, 2009 *apud* Marques, 2009).

Como consequência cria-se uma sobreposição de camadas, em Certaeu (1988), que prescinde do passado em detrimento do presente, permitindo o conhecimento apenas daquilo que é mais recente, mais novo, mais próximo. Esta condição intrínseca de palimpsesto em muito se assemelha a uma colagem onde é possível apenas inferir a dimensão superficial sem acesso às camadas inferiores atribuindo, de forma equivocada, uma quase condição de inércia.

O descredenciamento das edificações, independentemente de suas utilizações e finalidades, faz emergir um contingente de abandono e de ausência. Abandono daquilo que já foi e ausência do que poderia ser.

Esses vazios urbanos, que integram a história das cidades, e que resultam de novas demandas, novas circunstâncias e novos modos de viver na/a metrópole, também estão intimamente relacionadas com os fluxos financeiros e as alterações de mercado.

Diante desta constatação há que se fazer escolhas: abandono ou novas formas de utilização?

Como organismo vivo a cidade também impõe (ou se submete aos) fluxos que, guiados pelos interesses corporativos, reorganizam as práticas e as utilizações.

A complexidade na reversão do quadro que contempla as nulidades edificadas, ou seja, os vazios, demanda a articulação entre muitas esferas, seja o poder executivo (a gestão), o poder legislativo (as



leis que regem as formas de alteração e utilização), os órgãos fiscalizadores (as normativas) e o âmbito da propriedade (a questão da posse e tudo quanto a ela está vinculado).

### **CIDADE: INTERVENÇÃO E TRANSFORMAÇÃO**

Sobrepôr o que já está edificado se relaciona diretamente com uma nova condição de ser e estar. Ser enquanto edificação e estar enquanto função, enquanto desempenho de determinada ação em determinado período de tempo.

Nos centros históricos encontram-se as marcas da sociedade, da cultura, dos conflitos, fracassos e sucessos da cidade. São evidenciados processos por meio dos quais se constituem e se dá importância a lugares e cenários da memória social. O que está em causa já não é só a questão da recuperação da vitalidade das áreas centrais, mas, sim a sua adaptação às atividades contemporâneas. (SIMÕES, 2012 p.15)

A dinâmica de constante mudança urbana, segundo Simões (2012), contempla duas variáveis: tempo e memória. Tempo enquanto resistência desenvolvida em um determinado período e memória enquanto receptáculo dos acontecimentos, da sua história, do papel que lhe cabe no seu tempo.

Tempo enquanto resistência mostrada ao longo de um ciclo e que é diretamente proporcional à função desempenhada, cumprida, segundo Appleton (2006 *apud* Simões, 2012). Memória enquanto conjunto de acontecimentos, da sua história, do papel que lhe cabe no seu contexto.

Toda e qualquer cidade abriga edificações que atravessam a dinâmica do abandono e nulidade de suas funções.

Exauridas de uma determinada incumbência as edificações, mais do que esvaziadas de objetivos, se veem espaços de nulidade, de ausência, de vazio.

Neste contexto a cidade faz coexistir o que é ativo e o que é nulo, propiciando novas perspectivas de uso, a ocupação.

A palavra ocupação, diretamente relacionada com apropriação, em certo sentido, está fala da ação de tomar para si a propriedade de outro, de forma indevida, e, derivado que é do verbo apropriar, está relacionado com o tornar-se próprio.



O fenômeno, de caráter heterogêneo, como refere Caminha (2017) abriga em si uma polaridade, na medida em que, se configura como fenômeno urbano de abrangência mundial, mas, por outro lado, está intimamente relacionado ao que é específico da localidade. Converge para a leitura de Madeira (2010) do glocalismo: pensamento global e ação local.

A autora refere ainda outras características das ocupações e que estão relacionadas com a questão temporal podendo apresentar longa ou curta duração. As primeiras estão diretamente relacionadas com os objetivos determinados por distintas motivações e, nesta perspectiva, quanto maior o tempo de duração maior o sucesso alcançado. Já o segundo tipo tem caráter efêmero e buscar dar relevância para determinada pauta chamando a atenção para um objetivo específico. Tais manifestações, também conhecidas como Ocupações Demonstrativas (*Demonstrative Occupations*), tem como:

Intuito alertar a sociedade e governo, através da mídia, para algum problema ou questão—seja ela econômica, social, política ou cultural. Estas ocupações são comuns no Brasil, sendo muitas vezes organizadas por movimentos sociais de moradia, com objetivo de chamar atenção para o *déficit* habitacional e a ociosidade de imóveis. (CAMINHA, 2017 p.188)

Mas, quem ocupa?

Por que ocupa?

E como ocupa?

## MAS, QUEM OCUPA?

O processo de ocupação é, obviamente, organizado pelo cidadão. Se pensada em termos da metrópole, a iniciativa comporta uma escala diminuta e uma visibilidade igualmente restrita. Para Franco (2013 *apud* Rosa, 2013), na cidade, há a coexistência daquilo que é macro e daquilo que é micro, em termos da dimensão das iniciativas. Muitas são as denominações: iniciativas *bottom up* (em contraposição às iniciativas *top down*), apropriação, ocupação, intervenção, urbanismo tático, urbanismo de base e, certamente, outras. O fato é que:

O âmbito da iniciativa é local, o desdobramento circunscrito e se concretiza como iniciativa espontânea, fruto de uma observação minuciosa e articulada: são as iniciativas *Bottom Up* que podem (ou não adquirir um comportamento notável). Não é o uno que adquire a condição de coletivo, mas sim, alça outra dimensão. Esta prática, que reconhece a necessidade (ou a oportunidade) e é elaborada segundo a especificidade do *locus*, reforça



a identidade e o contexto em que se apresenta. Trabalha o uno como condição do complexo. (CASTANHEIRA, 2015 p. 39)

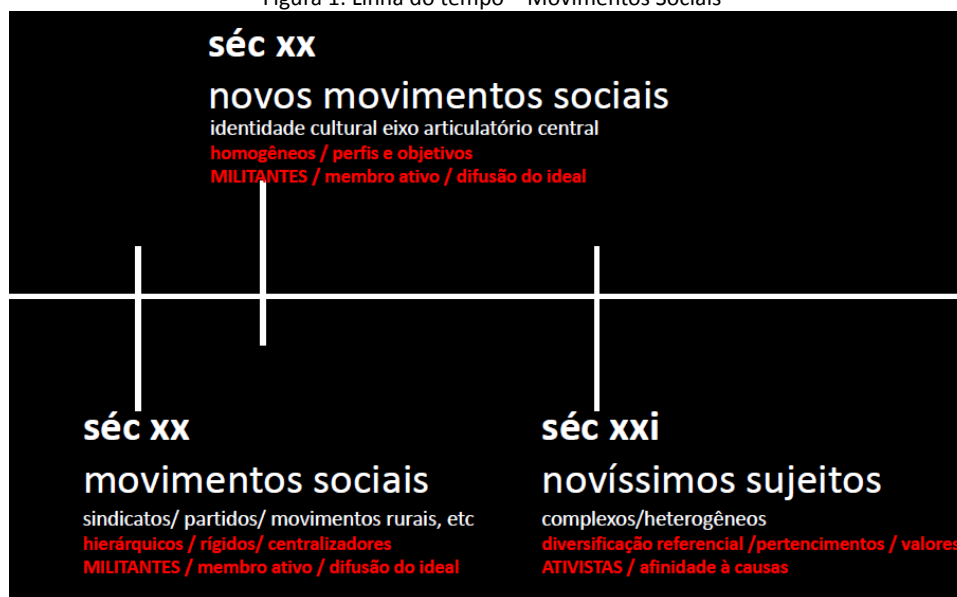
Mas, o cidadão em atividade individual, tem expressão diminuta. A força só emerge quando as ações individuais são articuladas em rede, onde é possível encontrar a complementaridade de forças de uma construção em grupo, constituído e, sobretudo, ativando a potência. São os coletivos.

Articulação que congrega cidadãos afins, os coletivos, numa associação preliminar podem remeter ao coletivo artístico. No entanto, o coletivo enquanto articulação de cidadãos para ações urbanas, na contemporaneidade, tem se firmado como convergência de ideias e ideais.

Para Gohn (2013), embora a articulação de indivíduos em grupos com o objetivo de se atingir pautas comuns não seja prática nova, obviamente, houve uma alteração do perfil desse indivíduo. Enquanto no século XX é possível fazer a distinção entre movimentos sociais e novos movimentos sociais, no século XXI, para a autora, surgem os novíssimos sujeitos.

Os movimentos sociais, nas palavras da autora, são formados pelos sindicatos, partidos políticos, movimentos rurais e afins. Apresentam como características uma estrutura hierárquica rígida e centralizadora e os integrantes, os militantes, são membros ativos e se articulam pela difusão de um ideal comum. Os novos movimentos sociais apresentam, em termos gerais, as mesmas características dos movimentos sociais com a distinção de uma articulação via identidade cultural.

Figura 1: Linha do tempo – Movimentos Sociais



Fonte: Gohn, 2013.

Já os novíssimos sujeitos apresentam características distintas. É constituído por indivíduos complexos, heterogêneos que apresentam diversificação referencial, de pertencimento e escala de valores. A grande distinção é o fato destes integrantes se movimentarem por pautas, de maneira exclusiva, ou seja, por ação e não mais por convergência total de ideais.

Para Gohn (2013) os movimentos sociais e os novos movimentos sociais congregam militantes enquanto os agrupamentos de novíssimos sujeitos articulam ativistas.

## POR QUE OCUPA?

Numa tentativa de entender este panorama Prujit (2013 *apud* Caminha, 2016) propõe uma classificação para as muitas formas de ocupação que se sucederam nos tempos mais recentes na Europa. São elas:

### 1. Ocupação por privação (*Deprivation-Based Squatting*)

Esta motivação procura atender o acesso ao abrigo cotidiano, à moradia. Não revela caráter estrutural uma vez que busca resolver uma demanda básica, de sobrevivência cotidiana.

### 2. Ocupação como estratégia de habitação alternativa (*Squatting As An Alternative Housing Strategy*)

A segunda motivação não tem caráter de urgência ou sobrevivência, mas, sim, de aperfeiçoamento, na medida em que busca uma melhoria que atenda à perspectiva do indivíduo do que entende por viver com qualidade e não um modelo vigente de qualidade de vida.

### 3. Ocupação empresarial (*Entrepreneurial Squatting*)

A terceira motivação tem caráter cultural, procurando ofertar equipamentos de cultura e lazer que, estando fora da alçada convencional empresarial, estão, por consequência, distanciados dos processos burocráticos de montagem e manutenção de espaços desta natureza.

### 4. Ocupação conservacionista (*Conservational Squatting*)

A quarta motivação está diretamente relacionado com o fenômeno da gentrificação e, na



contramão de sua proliferação, busca conservar determinadas áreas urbanas impedindo o seu desenvolvimento e a consequente expulsão dos habitantes locais antes a pressão do mercado imobiliário.

##### 5. Ocupação política (*Political Squatting*)

A quinta motivação tem a política como mote central. Não se configura como objetivo final, mas, antes como meio para se atender a determinada demanda que procura fazer frente às instâncias governativas, às práticas de mercado, entre outros. De forma sintética busca se posicionar contra aquilo que está estabelecido como prática e contra o qual um grupo de indivíduos se posiciona.

Embora o autor denomine o último tipo de ocupação como política não quer referir que as demais não o sejam, como refere Caminha (2016), o que converge para Arendt (2000) e sua premissa que o caráter político está sempre presente na relação que se estabelece (ou deveria ser estabelecida) com a cidade. A dinâmica de ocupação urbana está assente no tripé: crítica às políticas urbanas, ferramenta para pedir um teto e estratégia de sobrevivência sem apoio público (AGUILERA, 2013 apud Caminha, 2016).

De ressaltar ainda o caráter de flexibilidade da classificação de Prujit (2013), uma vez que, para o autor as motivações podem tangenciar mais do que uma possibilidade e, ainda, sofrer alteração de escopo sob determinadas circunstâncias ao longo do processo. As configurações apontam para diferentes possibilidades de combinação entre autoajuda e/ou ação coletiva, alternativa e protesto contra a mercantilização da cidade. (Caminha, 2016).

#### E COMO OCUPA?

O movimento de ocupação, segundo Caminha (2016), ganha relevância na década de 1960 e está intimamente relacionado com o movimento da contracultura e o aspecto contestatório dos valores vigentes, o que constitui a essência deste amplo conceito.

O movimento *squatter* – nome dado ao movimento em países de língua inglesa – vai além da questão da moradia, lidando com novas formas de gestão e socialização como alternativas às relações socioeconômicas forjadas no capitalismo. É importante notar que a palavra utilizada é diferente da que designa os movimentos de ocupação de praças e ruas a partir da crise de 2008 na Europa e nos Estados Unidos: *occupy*, o que mostra diferenciação entre



os dois movimentos. Porém, os movimentos *occupy* (conhecido como 15M na Espanha) e *squatter* estão ligados, sendo diversas as manifestações de apoio mútuo, como o caso do 15M e diversos *okupas*. (CAMINHA, 2016 p.36)

As dinâmicas do mercado imobiliário têm distanciado, cada vez mais, o acesso ao direito básico da moradia o que faz discutir, de forma ainda mais intensa, a relação que se estabelece com a cidade e os respectivos desdobramentos (como questões de posse, de convivência, entre outras). Nessa perspectiva o cidadão procura refletir e, sobretudo, promover alternativas que efetivem a obtenção da moradia.

As ocupações, nesse sentido, não expressam “apenas” uma luta por um direito, mas outra concepção de cidade, que relega a lógica do mercado a um segundo plano. Utopia? Sem dúvida. Mas uma utopia já parcialmente realizada no presente. Ao ocupar esses imóveis, os militantes do movimento se tornam moradores do centro da cidade, afirmam para a sociedade que ali é o lugar deles. (TRINDADE, 2017 p. 168)

No Brasil, o censo do IBGE<sup>1</sup>, 2010, apresenta um total de seis milhões de imóveis vazios. Se levada em consideração a quantia de cinco milhões e oitocentas mil habitações, que deveriam ser construídas de forma a que a totalidade da população brasileira vivesse em condições minimamente ideais, a conta ainda apresenta saldo positivo. São Paulo ganha relevância nesse quadro ao apresentar o maior número de imóveis vazios seguido de Minas Gerais.

O censo mostrou que São Paulo é o estado com o maior número de domicílios vagos. O número de moradias vazias chega a 1,112 milhão. Já de acordo com o Sinduscon-SP, são 1,127 milhão de famílias sem teto ou sem uma casa adequada. Portanto, na hipótese de que essas casas vagas fossem ocupadas por uma família, só 15 mil moradias precisariam ser construídas para solucionar o déficit habitacional do estado. (GOVERNO FEDERAL<sup>2</sup>)

Esse conjunto de imóveis desprovidos de função ou utilidade consolida um contingente de edificações em estado de abandono e degradação coexistindo com uma vasta e robusta necessidade de abrigo, de moradia. Essa convergência, entre oferta e demanda, faz São Paulo abrigar um movimento crescente de ocupação.

Segundo levantamento do G1<sup>3</sup>, de 2018, São Paulo comporta mais de duzentas ocupações que abrigam 45 mil famílias. A maior concentração de ocupações (53) está na zona central da cidade, seguida da

<sup>1</sup> Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2010/12/numero-de-casas-vazias-supera-deficit-habitacional-do-pais-indica-censo-2010>>

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2010/12/numero-de-casas-vazias-supera-deficit-habitacional-do-pais-indica-censo-2010>>

<sup>3</sup> <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidade-de-sao-paulo-tem-206-ocupacoes-onde-moram-45-mil-familias.ghtml>

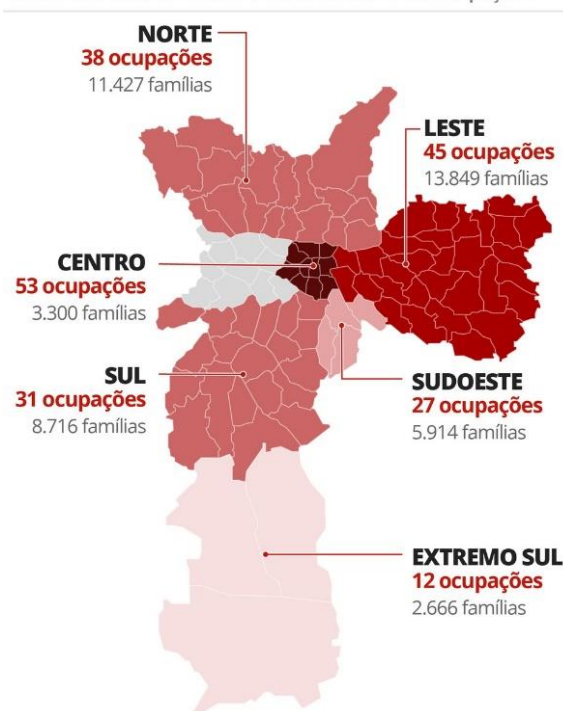


zona leste (45), zona norte (38), zona sul (31), zona sudoeste (27) e extremo sul da cidade (12 ocupações).

Figura 2: Mapa de Ocupações – Cidade de São Paulo

### Ocupações irregulares em SP

Centro de SP tem o maior número de imóveis ocupados, mas Zona Leste concentra mais moradores em ocupações



Fonte: Secretaria Municipal de Habitação – São Paulo – Infográfico: Portal G1.

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidade-de-sao-paulo-tem-206-ocupacoes-onde-moram-45-mil-familias.ghtml>

Apesar de ter em sua base uma necessidade de sobrevivência, a ocupação se consolida como um movimento de amplo espectro que mais do que discutir o direito à moradia, discute formas de viver, de estar e de se relacionar, ou seja, um posicionamento político.

Uma das muitas ocupações no centro de São Paulo, a Ocupação Nove de Julho, se materializou em 2016 e integra o conjunto de 11 ocupações do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro, movimento que acaba de alcançar a maioria e que tem como escopo a mobilização e articulação por moradia digna.

A característica transversal, e uma das mais representativas, no conjunto de ocupações do MSTC é a questão de gênero. Em sua maioria liderada por mulheres, na Ocupação Nove de Julho não é diferente.

Carmen Silva, que ganhou notoriedade por representar a si mesma no filme *Era o Hotel Cambridge*, de Eliane Caffé e por ser acusada (e absolvida) de coação ao solicitar o pagamento de uma taxa de condomínio no âmbito das ocupações<sup>4</sup>, é a articuladora e administradora da ocupação.

A articulação social não se resume aos aspectos habitacionais, ou seja, não se define na oferta de moradia. A ocupação, obviamente no sentido de alavancar recursos para a auto-gestão, mantém um brechó de roupas e a Cozinha da Ocupação. Mas, a visão de um espaço coletivo, é muito maior do que uma motivação econômica. É um projeto de iniciativas colaborativas que repensa as formas de construir, de materializar, de compartilhar e congregar.

A ocupação mantém ainda uma biblioteca, um cursinho (UNEAFRO) e uma galeria de arte, além de uma série de parcerias que permitem a concretização de uma série de oficinas e iniciativas locais (hortas, exibição de documentários, rodas de conversa, entre outras).

### Quase como conclusão

O ato de ocupar, por si, na contemporaneidade, se reveste de um aspecto extremamente negativo na medida em que está diretamente relacionado com a ideia de apropriação indevida. O enorme contingente de propriedades sem uso que coexiste com uma importante demanda por moradia, enquanto necessidade básica do ser humano, faz emergir uma nova possibilidade de uso: a apropriação.

Importante referir que estes movimentos não buscam a propriedade, mas, antes a oportunidade de usufruir de um imóvel que se encontra em função nula. As inúmeras iniciativas que se têm efetivado no centro da cidade de São Paulo mostram, por observação, uma relação que ultrapassa o aspecto da moradia, do abrigo.

Traz a possibilidade de uma reflexão social, reforçando a ideia de Arendt (2000), para quem, toda a relação estabelecida com a cidade é política.

<sup>4</sup> <https://jornalistaslivres.org/dona-carmem-da-luta-por-moradia-e-absolvida-de-acusacao-injusta/>



## Referências

ARENDRT, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

ARQ.FUTURO. Imóveis ociosos e ocupações: Revertendo os vazios urbanos. São Paulo: ARQ. FUTURO, 2019. Disponível em: <<https://arqfuturo.com.br/post/imoveis-ociosos-e-ocupacoes-revertendo-os-vazios-urbanos>> Acesso: 14 jun. 2019.

CAMINHA, J. V. Uma teoria acerca das ocupações de imóveis vazios. São Paulo: XVII ENANPUR, 2017. Disponível em: <[http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR\\_Anais/ST\\_Sessoes\\_Tematicas/ST%209/S%209.1/ST%209.1-04.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%209/S%209.1/ST%209.1-04.pdf)> Acesso: 16 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. A diversidade de ocupações de imóveis ociosos. Uma leitura a partir de casos europeus. Rio de Janeiro: Revista E-Metrópolis, 2017. Disponível em: <[http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo\\_pdfs/000/000/211/original/emetropolis28\\_art3.pdf?1494302267](http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/211/original/emetropolis28_art3.pdf?1494302267)> Acesso: 16 jun. 2019.

CASTANHEIRA, E. B. Patrimônio industrial e economia criativa: Convergências. São Paulo: 4º Colóquio Brasil-Portugal, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Disponível em: <[https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/62/ARQUIVOS/PUBLIC/SITES/PORTAL/IV\\_COLOQUIO\\_BRASIL-PORTUGAL/16.pdf](https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/62/ARQUIVOS/PUBLIC/SITES/PORTAL/IV_COLOQUIO_BRASIL-PORTUGAL/16.pdf)> Acesso: 15 jun. 2019.

CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 1998

GUATELLI, I. Condensadores urbanos – Baixo viaduto do café – Academia Cora Garrido. São Paulo: Mack Pesquisa, 2008.

\_\_\_\_\_, RUBANO, L. M. Os projetos de reconfiguração de territórios urbanos: condições teóricas. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/Publicacoes/PDF\\_IIIForum\\_a/MACK\\_III\\_FORUM\\_IGOR\\_GUATELLI.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/Publicacoes/PDF_IIIForum_a/MACK_III_FORUM_IGOR_GUATELLI.pdf)> Acesso em: 31 maio 2019.

GOHN, M. G. Manifestações e protestos no Brasil. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

MADEIRA, C. Híbrido – Do mito ao paradigma invasor? Lisboa: Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, 2010.



PROJETAR  
GRUPO DE PESQUISA EM  
PROJETO DE ARQUITETURA  
E PLANEJAMENTO  
AMBIENTAL



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E  
**POSSIBILIDADES**

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



MARQUES, B. R. A. P. O vale de Alcântara como caso de estudo evolução da morfologia urbana. Lisboa: Instituto Superior Técnico - Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em: <<https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395138367729/dissertacao.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2016.

ROSA, M. L. Micro planejamento – Práticas urbanas criativas – São Paulo – São Paulo: Cultura, 2011.

SIMÕES, Mariana Parreira. Construir no Construído - Novos Modelos de Habitar a Cidade para a Zona de Alcântara. Lisboa: Faculdade de Arquitetura - Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5443/1/Novos%20modelos%20de%20habitar%20a%20cidade%20para%20a%20zona%20industrial%20de%20Alc%C3%A2ntara.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2019.

TRINDADE, T. A. O que significam as ocupações de imóveis em áreas centrais? Salvador: Caderno CRH, 2017. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v30n79/0103-4979-ccrh-30-79-0157.pdf>> Acesso: 15 jun. 2019.



**PROJETAR**  
GRUPO DE PESQUISA EM  
PROJETO DE ARQUITETURA  
E PENSAMENTO  
AMBIENTE

